

O sol do Mediterrâneo

Um preinho da Calvin Klein era o que ela sempre desejava. Está certo que, na Oscar Freire, mesmo no período de *soldes* (liquidação é para lojas populares!!!), ele não saía nada barato, mas, vez ou outra, era preciso fazer alguma extravagância.

Aliás, a sua vida fora sempre uma vida muito certinha. Desde cedo, havia sido ensinada sobre o valor dos estudos e, tendo nascido nos anos de 1950, cresceria num período em que estudar era certeza de melhoria de vida.

Por sorte, fizera uma escolha que adorava e isso era uma grande coisa, quando via que uma parte de suas amigas de juventude passaram todo o período da vida profissional torcendo pela aposentadoria e outra parte se tornou dona de casa (umas mais madames, outras menos) e estiveram sempre à beira da depressão ou afundadas nela.

O trabalho de pesquisadora no hospital universitário era extremamente envolvente. Foi frustrante a experiência de exercício da clínica médica, nos primeiros anos após a graduação, em que predominou o convívio cotidiano com a doença, muitas vezes sem cura.

A opção pela pesquisa, ao contrário, coloca o profissional de frente para o futuro, diante da possibilidade de superar limites, de descobrir novos procedimentos, de adotar

novos princípios químicos, de vislumbrar o melhor. Isso sempre lhe animou, afinal ela era uma típica aquariana.

O lado difícil é que sua aptidão para a pesquisa e sua capacidade de organização do trabalho em equipe, logo lhe levou à posição de chefe da equipe e coordenadora do laboratório, num ambiente em que os homens costumam dominar. Isso significou dedicação integral e fazer escolhas que sempre colocavam a vida profissional em primeiro lugar.

Agora que já passava dos cinquenta anos de idade (naturalmente, que não é preciso dizer o quanto passava), sentia que era preciso ter mais tempo para si mesma. Dar mais atenção ao companheiro de tantos anos, passear, viajar e, claro, comprar um pretinho da Calvin Klein.

Assim que o marido lhe propusera fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo, não hesitou como teria hesitado 20 anos antes, pensando no laboratório, nas datas de entrega dos relatórios à FAPESP, na necessidade de controlar todas as amostras de fármacos que entram e saem do laboratório, de revisar os relatórios de todos os orientandos, de dar pareceres científicos para todos os periódicos dos quais era do conselho consultivo etc etc etc.

Animou-se logo e veio à sua mente todas as representações que elaborou (ou a fizeram elaborar) durante sua vida, sobre o quão maravilhoso é um cruzeiro.

Não, nada desses cruzeiros pela costa brasileira, em que hordas com suas sacolinhas CVC comem e bebem sem

parar. Seria um cruzeiro magnífico, daqueles em que, vez ou outra, quando ainda era jovem, via numa reportagem na revista Cruzeiro, mostrando Carmen Mayrink Veiga em férias pela Europa. Seria quase tão hollywoodiano como uma viagem de Jackie Onassis, afora o fato de que não faria seu passeio num iate particular.

Advertiu logo ao marido que teriam que comprar uma suíte, com varanda voltada ao mar. Nada de cabines nos andares inferiores do navio. Já que trabalhara a vida toda, era hora de aproveitar ao máximo e tudo tinha que ser maravilhoso.

Consultas à internet, visitas a agências de turismo de alto padrão, conversas com seu cabeleireiro que já fizera várias viagens desse tipo. Meu Deus, que mundo é este que um cabeleireiro com salão de alto luxo e notícias em Caras ganha dez vezes mais que uma pesquisadora?

A preparação para a viagem era tão boa quanto supunha que seria a própria viagem.

Começara a fazer coisas inéditas: entre uma atividade e outra no laboratório, punha-se a consultar o Google e procurar tudo que fosse possível para ajudar a realizar uma viagem maravilhosa.

Quais seriam as temperaturas médias no Mediterrâneo em junho? Que roupas seriam adequadas para aquele ambiente? O que conhecer em Marselha, Gênova, Nápoles, Atenas, Ilhas gregas? Priorizar os museus ou os

melhores restaurantes? Acho que daria para fazer as duas coisas. Seria necessário alugar um fraque para o marido?

Lembrava-se desanimada que tinha, hoje, 25 quilos a mais do que quando saíra da faculdade. Já não seria tão simples fazer a mala. Era preciso levar calçados confortáveis, porque os pés inchavam cada vez mais. As roupas teriam que ser muito leves porque, se não, a menopausa mais os quilos, implicariam em litros de suor. Providenciaria óculos de sol supermodernos, porque o seu já estava pra lá de Bagdá, uma vez que nunca arranja tempo para escolher novos. Ficaria elegante ter um jogo de malas novo ou seu uso seria denotativo de sua condição de estreante? Não, nada de jogo de malas, isso caiu de moda. Levaria duas boas malas, nada de frasqueira (isso também caiu de moda), uma bolsa nova bem prática para as saídas do navio e uma carteira dourada para os jantares no transatlântico.

Ah, sempre tivera vontade de ter uma carteira com sandálias douradas, mas, nos anos de 1960, quando estava na faculdade e era jovem (sem ter consciência da maravilha que é isso), era quase uma heresia pensar em usar dourado. O *in* era ser hippie ou quase hippie, mesmo que fosse hippie de boutique e seu envolvimento com Marcos, seu marido, um ativista de esquerda, não lhe permitia ousar realizar esses sonhos burgueses. Agora, muitos anos depois, percebe que não é nada disso. Talvez ele nem tivesse percebido se ela tivesse comprado e usado sandálias douradas.

A viagem pelo Mediterrâneo e a compra do preinho Calvin Klein justificariam as sandálias e a carteira dourada.

Era um vestido lindo. Leve e *clean*, como tudo de Calvin Klein. A seda puríssima cortada em viés era ideal para esconder seus quilos a mais. As alcinhas finas, em strass, realçariam seu colo e suas costas sempre muito alvos. Marcos sempre elogiou seu colo e suas costas. Estavam entre as partes do corpo em que os quilos a mais não foram um agravante, ao contrário, deixaram a pele mais lisinha. Ela usaria um lindo colar antigo que faria uma combinação contrastante e chic com o vestido tão moderno.

Estava eufórica. Planejava fazer massagens relaxantes antes da viagem, dessas anunciadas em *folders* que nos prometem perder vários centímetros na cintura em uma sessão. Ia mudar um pouco o tom da tintura do cabelo, quem sabe faria luzes.

Pediria à sua manicure que substituísse o tom quase transparente do esmalte que sempre usava e que o exercício da profissão exigia para garantir a certeza da assepsia, por um vermelho profundo, quase vamp, que cairia maravilhosamente bem com seu Calvin Klein.

Faria sessões de bronzeamento artificial, para melhorar o tom da pele e chegar naquela cor em que parecemos que temos mais saúde. Obedeceria Marilyn Monroe e colocaria todas as noites duas gotas de Chanel 5,

porque muita coisa maravilhosa poderia acontecer nesse cruzeiro.

Os últimos dias antes da viagem não foram fáceis. Havia muita coisa para ser feita, de modo a que tudo funcionasse durante os 15 dias em que estaria fora. Aos poucos, foi obrigada a fazer opções: descartou a massagem, mas considerou fundamental a pintura nova no cabelo; fez compras no supermercado pela internet, ainda que fosse mais caro, para ganhar duas horas para o trabalho; dormiu menos horas, para deixar os relatórios de pesquisa prontos; fez várias reuniões com os pesquisadores em pós-doutorado supervisionados por ela, para delegar tarefas; não cumpriu com a promessa de preparar a mala com antecedência e tudo teve que ficar para a noite da véspera da viagem; não houve tempo para telefonar para sua prima, pedindo que desse uma atenção especial à sua mãe durante sua ausência. Afinal, não daria para ser perfeita como profissional, dona de casa e filha, se quisesse uma vez na vida colocar a si própria em primeiro lugar, por 15 dias.

Não fazia mal, tudo se redimiria durante a viagem. Tudo seria maravilhoso quando portasse seu Calvin Klein.

Finalmente, chegou o dia da viagem. Marcos estava animadíssimo. Dedicara muito tempo a planejar roteiros, preparar a máquina fotográfica, acessar o Google, verificar distâncias entre os portos e os roteiros que queria fazer em cada cidade, comprar com antecedência as entradas para

os museus e escolheu cuidadosamente a ópera que iriam assistir em Gênova. Ele também estava eufórico, ao seu jeito, é claro. Um jeito masculino que, no geral, não inclui fazer uma mala super adequada para cada situação e ela acabara de se lembrar disso: não tivera tempo de ver o que ele, literalmente, enfiou na bagagem dele. Não fazia mal, quando se passa dos cinquenta, tudo é permitido.

A viagem de avião até Paris e a conexão para Marselha já foram bem promissoras. Champgne servida pela Air France, um *free shop* maravilhoso no Charles de Gaulle, oportunidade para comprar um batom novo (tão vermelho como o esmalte) e um bom bronzeador.

Quando se depararam com o navio atracado, ficaram encantados. Seu *design* era bonito, suavizando sua imponência. Tudo era maravilhosamente branco por fora, como num anúncio do Omo Total. O pessoal de apoio para o embarque era educadíssimo e falava francês. Essa é mesmo a língua da boa educação, o que lhe era mais agradável do que o inglês dos congressos internacionais dos quais participava.

As instalações no navio eram maravilhosas. Decoração moderna, ainda que suntuosa (seria possível?). Cores quentes combinadas com muitos espelhos (pós-moderna?). Móveis claros com louça e talheres com *design* italiano (ou seria sueco?). Roupa de cama com fio egípcio (por que o algodão brasileiro não chega aos pés dele?).

O comandante logo na entrada cumprimentava a todos e havia gente para carregar malas, para oferecer drinks de boas vindas, para explicar como usar o cartão de crédito no navio, para mostrar as instalações do navio, para entregar o caderno da programação, para levar Marcos e ela para a suíte.

Maravilhosaaaaaaaa!

Exatamente como ela imaginara. Não, era muito melhor do que ela imaginara. A cama era *king size*. A banheira dava para um avarandado coberto de vidro. Havia sais e óleos da Provence para banhos sensacionais. Havia uma parede, na cabine, toda encoberta por espelhos. Hmmm! Eles poderiam ser muito estimulados. As espreguiçadeiras da varanda já estavam dispostas com toalhas super branquinhas. Era tudo perfeito. Que delícia!

Havia se prometido não entrar na internet, o que significa afastar-se mesmo do mundo do trabalho, por isso a informação contida no caderno de programa do navio, sobre quais os procedimentos para acessar a web, animaram-na por uns minutos, mas ela foi capaz de resistir e virou rapidamente a página para ver a agenda dos jantares de gala.

O primeiro seria naquela noite mesmo, e era considerada a sessão de boas vindas. Exigia-se traje de festa, mas não de gala, o que evitaria toda a discussão com Marcos para ele aceitar colocar o smoking que ela alugara,

logo no primeiro dia. Ela também não precisaria passar a ferro o longo de voal, com cinco saias sobrepostas, que havia mandado fazer para o casamento da sobrinha e nunca mais usara, porque se sentia um repolho com ele.

O dia conspirava a seu favor e ela pensou, então, em usar seu Calvin Klein, quando se lembrou que, entre as escolhas necessárias para caber em sua agenda tudo que tinha que ter feito antes de sair, não pôde manter o projeto de bronzeamento artificial.

Teria que colocar em ação o Plano B, que já delineara no vôo entre São Paulo e Paris, de modo a que ninguém visse as duas cores que tinha o seu braço: a alva, na parte sempre encoberta pelos jalecos com os quais já saia de casa para o hospital, e a rosada quase parda que tinha o antebraço esquerdo sempre apoiado na janela, enquanto dirigia. Todo mundo insistia que é um perigo dirigir em São Paulo com a janela aberta, mas ela tinha horror ao ar condicionado e, por isso, preferia manter seu velho hábito.

Já eram 10 horas da manhã. Eles mal acabavam de entrar na cabine e arrumar as coisas no armário branco em que as gavetas deslizavam maravilhosamente. Avisou ao Marcos que teria tarefa urgente e secreta a ser realizada. Tomaria sol na varanda da suíte, onde apenas o céu do Mediterrâneo a observaria e veria suas dobrinhas e sua celulite. Como o vestido tinha um decote longo nas costas, não seria possível nem usar a parte superior do biquíni, razão

pela qual tomaria sol apenas com a calcinha, o que poderia provocar susto ainda maior, até mesmo em Marcos, mais acostumado a vê-la nua à meia luz.

Colocou-o para fora da suíte, deu duas voltas na chave, com medo que a camareira desejasse entrar para colocar mais bilhetinhos e bombons de boas vindas na cama, vestiu uma minúscula calcinha, besuntou-se de bronzeador (sim, bronzeador, como nos anos 60, e nada de protetor, porque a urgência era grande). Lembrou-se de finais de semana passados em Santos com as amigas, quando ter um Raito de Sol vindo da Argentina era designativo de ser *in*. Sorriu, trazendo para o presente um pouco da alegria pueril da juventude. Quanto tempo se passou, algumas daquele grupo tinham uma vida boa, a maioria apenas razoável e outras não estavam nada bem.

Ficou a pensar em que grupo se encaixaria. Com certeza entre as que tinham vida boa. Ter trabalhado demais, não ter tido chance de ter tido filhos e passar dos cinquenta para se dar o direito de usufruir a vida eram detalhes menores, diante de tanta coisa que conseguiu realizar e da boa companhia de Marcos. Está certo que ele não servia para levar o carro ao mecânico e, tampouco, era sempre um cavalheiro atencioso, mas era um bom companheiro e, sobretudo, era inteligente, ou seja, eles sempre tinham o que conversar e isso não é pouca coisa.

Deixou as reminiscências de lado e voltou à emergência da situação, começando a distribuir fartamente o bronzeador francês (só pode ser bom com o preço que custou!) por todo corpo. Teria sido bom ter pedido ao Marcos para passar nas costas, afinal não era fácil com o peso que estava fazer as mãos cobrirem toda a área que o vestido de seda deixaria descoberta aquela noite.

Lembrou-se que havia planejado comprar um lindo chapéu, mas foi outra escolha preterida. Começou a procurar como cobrir o rosto para não ficar parecendo um pimentão e, tampouco, vincar as poucas rugas que tinha para a sua idade, afinal, sempre fica vaidosa, quando elogiam sua pele.

Vira daqui, vira dali, encontrou na mala do Marcos, uma boina. Para que ele havia trazido a boina de lã para um cruzeiro no Mediterrâneo? Não importa, ela seria útil agora para cobrir seu rosto enquanto tomava sol.

Postou-se estirada e com as pernas entreabertas na espreguiçadeira, afinal iria aproveitar para ficar todinha morena. O sol olhou de soslaio e logo se virou para o convés do navio, à procura de algumas gatinhas que estavam à beira da piscina.

A cada 15 minutos, ela mudava a posição para o bronzeado ficar homogêneo e percebeu que ainda estava se lembrando, vez ou outra, do laboratório e de suas pesquisas. Esforçou-se para esvaziar a cabeça desses

assuntos e começou a olhar para céu e lembrar de outras vezes, em sua juventude, em que estivera nessa posição, sonhando com o futuro.

Depois de 60 minutos, caiu no sono, afinal estava cansada após tanta correria e por causa da mudança de fuso horário. Acordou apavorada às 13h, lembrando que havia marcado com Marcos, às 12h30 no bar que estava localizado à beira da piscina, para um bom *drink* antes do almoço. Teria que correr e, o que era pior, havia ficado muito tempo exposta ao sol e poderia estar queimada demais, o que só se vê mesmo depois do banho.

Correu para a ducha, sem ter tempo de experimentar com calma os cremes da Provence. Enxugando-se, olhou-se no espelho nua e quase deu um grito de horror. Não, não estava vermelha, nem mesmo levemente rosada. O sol do Mediterrâneo não tem nada a ver com o sol do Brasil. Ela continuava absolutamente branca e o multicolorido que dominava de seu braço ao antebraço mantivera-se bravamente.

Lembrou-se das aulas de Geografia, vagamente, quando a professora explicava a incidência menor dos raios solares ao norte e ao sul dos trópicos e constatou que para alguma coisa teria servido essa disciplina, se ela não tivesse deletado de seu winchester tudo, quando começou Medicina e decidiu se voltar, anos depois, para pesquisas que interessam ao mapeamento do DNA.

Sentou na beira da cama, chorou um pouco, mais pelo cansaço da vida do que pelo insucesso do bronzeado, mas logo olhou pela janela e viu um céu tão azul que se vestiu rapidamente e saiu correndo para o bar da piscina, tentando lembrar se havia trazido a écharpe de seda lilás, que poderia disfarçar bem o colorido do braço quando vestisse seu Calvin Klein naquela noite.

Carminha

Abril de 2010